

CULTURA ENQUANTO FENÔMENO QUE APARECE

09/2011

Políticas Públicas e Reformas Educacionais e Curriculares

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

LEAL, Gabriel Rodrigues
cadeteleal@hotmail.com

I- Introdução

Em andanças *fenomenológicas* tenho construído, através de descritivos inqueritos (*epoché*), que exista um “caos ordenador” cultural. Que é subterrâneo ao ambiente cultural sensível¹ e que lhe é causa direta e conseqüente. Uma espécie de estrato pré-perceptual das relações humanas, aonde o ininterrupto *vir a ser* da cultura reside sob a forma de uma experiência ainda intangível à experiência imanência, etapa que é imediatamente anterior à imanência que outrora ocultada, aparece para nós como cultura.

Penso que, este estrato de *perceptos* humanos é o local onde as múltiplas colisões humanizadas pela teia social estabelecida, espraiam-se a todo instante, recombina-se numa nova circunstância vivencial, mais *mundanizada*, isto é, mais em sintonia com o mundo das coisas do cotidiano, com o mundo que simplesmente aparece² para nós, de maneira que, à medida que se ajusta a um mínimo de corporeidade, sobretudo, através da linguagem, expressam-se como cultura. Com efeito,

¹ Podemos definir este ambiente cultural sensível como aquele onde a cultura se propõe como marca registrada, propriamente como **rito**.

² A pergunta recorrente neste caso é: o que é a aparência? “sob a expressão aparência reúnem-se o que conhecemos por signos, sintomas, ícones, símbolos, fetiches. Entes que se mostram a si mesmos, mas, através de si mesmos, mostram outros entes que, por si mesmos, não podem si mostrar (...) a aparência é um outro modo do ente mostrar-se através do ocultamento. Diferente do *parecer ser*, que mais se assemelha à nossa noção corriqueira de equívoco, por exemplo, o símbolo, o ícone, o sintoma não supõem um nível de equivocidade, ao menos imediata. A aparência mostra e protege aquilo que através dela se mostra (2006, p.64)”

acabam por acontecer em forma de eventos partilhados, sentido e comungado coletivamente. Chamo este “evento” de *eventos críticos*, e retornaremos a ele linhas à frente.

II- Desenvolvimento

A idéia de um caos no “intestino” — essa palavra é proposital... — das relações sociais pode parecer um *logos* adaptado às contingências do presente século — mais especificamente, da presente teoria... — entretanto, os sintomas que invocam essa suposição *quase* análoga — bem recorrente na filosofia grega... — são bem maiores que a licença de plágio que a história da filosofia, eventualmente poderia nos conceder através do essencialismo helênico, ou, do que séculos depois Lévi-Strauss poderia nos oferecer com o nome de estruturalismo.

Em contrapartida, se pensarmos o dito “caos ordenador” como *Logos* no sentido que Heidegger o cunhou em *Ser e Tempo*, isto é, derivado do verbo *legein* que quer dizer *recolher e expressar o que se mostra*. Poderíamos agora, filiados à idéia de logos, confessar uma identidade de idéias: caos ordenador e *logos* Heideggeriano. Aprofundando um pouco mais nossa metáfora do caos ordenador, citamos o trecho da lavra da profa. Dulce Mára Critelli:

O que as coisas são não está nelas mesmas, em si mesmas, mas nesta relação inextirpável entre um olhar e a coisa. Os entes manifestam-se em seu ser através do Logos (...) Logos é, também, a segunda expressão donde a fenomenologia retira sua denominação. O olhar (logos) não individual, exclusivo de um indivíduo concreto que olha e vê, seu olhar é composto por todo o referencial das relações significativas do mundo em que habita (2006, p.62).

Por conseguinte, partimos da idéia de “caos ordenador” como um contínuo acréscimo de relações que ao tomarem força nos símbolos de sua partilhação coletiva adquirem, usando-se da linguagem como meio, o grau de uma cultura minimamente definida e traduzida ao coletivo que se insere. A cultura enquanto ente pode fazer com que a idéia, seja transladada de um estado transcendental (aqui chamado de imanência em ocultamento!) para um estado material. Não obstante, os infortúnios do deslocamento das vivências para o plano teórico — perdido em boa medida já de início,

por conta da *completa* e funesta ausência de oralidade e vida nas palavras, isto é, perdido naquele poder *inexplicável* que as palavras possuem: em matar exatamente o que designam... — a cultura traz do campo do espírito os emblemas idiomáticos das letras cunhadas pelo pensamento comum ao grupo. E que emblemas são esses? São todos os aspectos vivenciais que pelo seu grau de mundanização e diálogo coletivo adquirem força imperativa de replicação naquele grupo.

Esses aspectos vivenciais são estados de graça — ou, (des) graça —, lampejos do espírito criativo coletivo que, sintonizados pela linguagem numa veste densa e pluriforme, são traduzidos em múltiplas facetas culturais, por exemplo, por um leve sobressalto tônico e semântico nas frases e orações, dando origem as *gírias* — as *neofrases*, *neorações*... —, são traduzidos também num símile arquetípico de animal na postura, dando origem ora a uma luta marcial — como o *Kung Fu* — ou a uma forma de dança típica, são traduzidos ainda por um jeito típico de andar, cruzar as pernas ou simplesmente fumar um cigarro, dando pechas de um perfil cultural adequado àquela entidade imaterial então presente na idéia, ora cunhada no corpo como signo de *malandragem*, por exemplo...

Certos eventos em si, os eventos críticos aos quais aludi no início, são como explosões estelares. Emanam vida. Se pensarmos que o caos intra-grupo em determinados contextos explodem em benefício de uma “coisa” articulada coletivamente, podemos nomear essa “coisa” como a cultura dessas rochas colapsadas pela colisão — ou seres humanos... em múltiplas colisões —, podemos dizer ainda que o acúmulo de contato, interação ou multi-interação entre as partes, isto é, entre os seres — ou entre as estrelas — é a energia necessária para dali forjar um espaço de identidade humana entre as partes. Portanto, fica fácil constatar que a fórmula de uma cultura é a interação entre os seres! Assim como, para a possibilidade de vida a explosão de estrelas, pois, como já nos dizia Nietzsche “*é necessário ter o caos cá dentro para gerar uma estrela*”.

Essa teoria parece ser trivial, porém, é só o que aparece. Pois, o contato e a exposição desse(s) evento(s) crítico(s) de criação — da imanência oculta, suposta “transcendência” até a imanência aparente, revelada nas coisas —, requer condições singulares de possibilidade. No contexto humano, espaços ideologicamente construídos, isto é, coletivos ambientados em condições de engenharia comportamental não forjam

senão a força motriz do engenho que lhes proporciona o labirinto, salvo, quando conscientes da domesticação imposta.

Continuando com nossa metáfora-guia, podemos ilustrar ainda que após a colisão estelar uma nuvem de poeira cósmica engendra o que, após o reagrupamento, dá a tona de uma condição de possível mudança “ontológica”, ademais, se uma explosão estelar ocorre, parece justamente ocorrer para que uma mudança ontológica se anuncie, isto é, dentro de uma margem especulativa seria dizer que, quando a nebulosa se forma a faz com o mote de proporcionar uma condição de *não-ser* para uma condição de *ser*! De uma condição de aparente negação absoluta para uma condição de real asserção absoluta.

Perceba que o *iter* cultural, sua “natureza revelada”, a “peculiaridade sentida” de um coletivo cultural *precaricamente definível*, está longe de ganhar a estrada que aponte que: ela saia do imanente para o transcendente (imanência oculta). Penso que é justamente o caminho oposto que ela siga, saindo do oculto e ganhando a imanência revelada — como num corte feito até o nível do estrato que o *caos* das relações humanas engendra, gera, cria, revela! —. O mundo social como Durkheim entendia — ou “definia”... — como sendo um “*pré-existente total que dá a moldura aos indivíduos*” é o ponto que queremos tratar aqui.

Vamos *imaginar* — é o método que melhor se presta à empreita — um conjunto de garotos confinados num ambiente de aceleração moral ininterrupta. Onde o estresse mental e a fadiga física e toda uma gama plural de afetações na esfera do ser, do querer e do pensar, são os elos que fortalecem a robustez de uma identidade do grupo. Imaginemos ainda, um conjunto de ações: movimentos, associações, retrações, disjunções... em torno da: a) vontade de potência, b) do signo comum de poder, ambos na perspectiva de se formar — para os militares... formar, adestrando-se — tudo na perspectiva de se (im)por enquanto/como líder!

Agora vamos proceder a um segundo exercício de imaginação. E por alguns instantes vamos percorrer os corredores de um presídio. Sim, de um presídio... Iniciemos pelo portão de acesso e as filas em um dia de visita. Mulheres em frenesi angustiante, outras debulhando caladas, seus respectivos rosários de aflições, outras ainda em aparente harmonia com o contexto, seguindo a mesma sorte de quem se

encontra em cativo, outras mais quem sabe imperscrutáveis mesmo aos olhares etnográficos mais mordazes.

Tomemos os olhos dessas mulheres e adentremos ao presídio, e rapidamente com o espírito agudo podemos notar todo um território devidamente regulamentado, onde, as atividades em todos os níveis se processam especificamente respeitando a um cronograma definido, a um roteiro estabelecido tacitamente — todos sem qualquer interferência da autoridade burocrática estatal —. Notamos ainda, condições particulares de um possível paralelo conceitual do que conhecemos por isonomia, condições de privilégio no *status*, de desprivilegio no *status*, podemos perceber, sobretudo, uma sombra que recolhe a individualidade em benefício de um credo único, de uma perspectiva atendida na égide de um querer irradiado do “alto”. De um caos interior ao grupo, que quando vivenciado à saciedade extrema, explode e ganha corpo na fala e se traduz no mínimo gesto, no mais inaudito comportamento expressado...

Em 2006 uma onda de *ataques* à polícia paulista alcançou todos os grandes noticiários nacionais. Bases da PM eram metralhadas, patrulhas policiais eram emboscadas e uma série de outros atentados foram levados a cabo pela organização que passamos a conhecer desde ali, mais publicamente como “PCC” (Primeiro Comando da Capital).

Definido como “organização criminosa”, o PCC nasceu nos presídios paulistas no ano de 1993 (Biondi), e foi consequência, dentre outros inúmeros fatores, de um conjunto maciço de supressões aos direitos humanos daqueles primeiros *reeducandos*, fundadores da Organização que, a partir de então, na tônica de “*defenderem-se*” do cruel sistema de ultraje à própria dignidade do coletivo penitenciário, engajaram-se mutuamente em prol de um entendimento comum... em torno de um *habitus* próprio, de um *caráter* comum, de um *ethos* de enfrentamento combativo, isto é, de uma cultura existencial coletivamente sintonizada. A noção de *habitus*, aqui empregada segue a linha descrita por Pierre Bourdieu:

O *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um **sujeito transcendental** na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural —, mas sim o de um agente em ação: tratava-se de chamar a atenção para ‘o

primado da razão prática' de que falava Fichte, retomando ao idealismo, como Marx sugeriria (...) (2010, p.63)

Não iremos tergiversar ao ponto de mensurar casuisticamente o enredo vivido por esse coletivo humano. São experiências das mais “estupefantes”. São circunstâncias existenciais de grau inimaginável na esfera racional, compulsadas quando muito por uma boa metafísica ou, uma boa poesia... O que queremos, em contrapartida, é mostrar como o primeiro aspecto da abordagem, que é a tese da aglutinação interativa e comunhão espiritual como nascedouro da matéria chamada cultura acontece — a explosão estelar... — que produz a realidade cultural que, num primeiro momento, somente pré-existe como força totalizante (Durkheim), cujo sinal transcendente é capturado pelo espírito humano e traduzido na ação coletiva.

No ano de 2007 a USP (Universidade de São Paulo), através do Instituto de Estudos Avançados pelas lavras dos sociólogos Sérgio Adorno e Fernando Salla, produziu um estudo denominado “*Dossiê Crime Organizado*”, que em linhas gerais apresentava no comentário da antropóloga Karina Biondi, algumas sustentações teóricas tais quais a de que:

Os sucessos destes acontecimentos foi garantido pela estrutura organizacional do PCC, **“mantida por um quadro hierarquizado de funcionários, disciplinados e obedientes, capazes de executar ordens sem questioná-las” (2007:9)**, mas também porque a confecção de leis e políticas não acompanhava as mudanças da sociedade. Além disso, para eles, a estrutura do PCC só pôde se consolidar em função do frouxo controle e da falta de rigor na coibição de suas práticas por parte do poder público. Por outro lado, contrariando muitos outros analistas, afirmam que **“há fortes evidências de que o encarceramento em massa associado ao propósito de contenção rigorosa das lideranças dos grupos criminosos organizados tem produzido efeitos adversos”**, como os ataques de maio de 2006, classificados por eles como momentos de **“efervescência cultural”** (2010, p.76). [grifo nosso]

Dois pontos são persuasivos e tem o condão de reforçar o que vínhamos defendendo. O primeiro é a referência ao *“quadro hierarquizado de funcionários, disciplinados e obedientes (...)”*, o segundo tópico são as *“fortes evidências de que o encarceramento em massa associado ao propósito de contenção rigorosa das lideranças (...) tem produzido efeitos adversos”*. A primeira referência dá inteligibilidade no plano da imanência — o mundo concreto e real da cultura já

estabelecida... —, o segundo excerto em grifo, representa a condição de possibilidade, a causa conseqüente, da primeira referência, em suma, a colisão múltipla de “n” contextos vivenciais extremos, que emergindo a um nicho fora do plano da imanência colapsada, transcende e ganha autonomia de ser *convencionada* num segundo momento por alguém que a capture de volta, estabelecendo assim o quadro sintomático que no exemplo citado, é a disposição “administrativa” do PCC. Para finalizar o alcance da teoria proposta é bom ressaltar a locução “*efervescência cultural*” de Adorno e Salla, que não dista muito do que metaforizamos como explosão estelar.

É preciso a essa altura dizer que tanto o transcendente como o imanente são apenas níveis de ilusões a serem decodificadas pelos sujeitos, são campos ou estratos que aparecem e ocultam-se, não sendo, de nenhuma forma, um corte dual entre dois mundos possíveis, o que provoca sem quereremos, a compreensão de um mundo **real** da cultura do grupo e, o nível **ideal** de outra em gestação, em absoluto... Não se trata disso. Por isso, é preciso recorrermos a Merleau Ponty para um maior grau de *clarividência* do tema:

Pois quando se dissipa uma ilusão, quando se rompe subitamente uma aparência, é sempre em proveito de uma nova aparência que retoma, por sua própria conta, a função ontológica da primeira (...) a des-ilusão é a perda de uma evidência unicamente porque é a aquisição de outra evidência (...) não há *Schein* sem *Ershcheinung*, toda *Schein* tem por contrapartida uma *Erscheinung* (2009, p. 42).

Fechado então o primeiro aspecto que queria ressaltar, gostaria como me propus acima, ainda de explorar com mais um exemplo, um pouco mais o contexto antropológico das penitenciárias, do mundo social carcerário brasileiro. Dessa vez, irei utilizar a noção etnográfica do “**salve**” utilizado pelo PCC.

Com o primeiro exemplo mostramos como interação pode (também!) gerar cultura. Apontamos como se dá o caminho que sai da *transcendência* e cai na *imanência* em forma de cultura de grupo. Agora vamos proceder com um segundo caminho mais incisivo acordado a mesma noção teórica geral já proposta.

Vamos imaginar um coletivo humano particular, isolado geograficamente e preterido drasticamente de suas condições básicas de dignidade, imaginemos também que a simples associação coletiva comum deste grupo dá margem, por si só, a existência

de um ato criminoso, detrimetoso a todos enquanto grupo instituído. Agora, imaginemos este mesmo coletivo agindo em prol de uma luta comum de seus membros e, com a responsabilidade de ser efetivo em suas ações. Subtraindo todos os aspectos ideológicos e morais das ações envolvidas, resta-nos decompor em níveis inteligíveis ao senso comum, como este grupo criará em forma de “elo articulado” o conjunto de valores, símbolos e ritos que na sua semântica desafie o poder contrário, chamado Estado, não demonstrando essa tal inteligibilidade semântica.

Friamente, trata-se de construir um mecanismo cultural que transforme a linguagem, o gesto, a expressão corporal em um modo de ser percebido — ou de aparecer! — somente por/para seus iguais... Trata-se, sobretudo, de criar, engendrar uma cultura onde só se entende quem a ela se integra. Até este ponto nada de muito novo....

Bem, sabemos neste momento que o presídio é uma máquina produtora de cultura, sabemos também que existe um grupo constituído (marginalmente à sociedade de classes) que, operando neste acelerador espiritual *sublima* suas pré-ações... chegamos então ao “salve”. O salve é o exemplo mais direto da cultura da transcendência até a imanência.

Começemos com a pergunta: é o salve uma ordem dos líderes do PCC? Não, o salve é uma idéia! é um ato reflexivo do grupo que busca a compreensão de uma situação-problema. O salve é uma nuvem conceitual que é gestada nos corredores, ganha corpo nas discussões, é depurada e se amortiza numa espécie de nível de consciência geral. Quando se nomeia o PCC de “organização criminosa” partimos de uma idéia cultural corrente para o senso comum e, que tenta enquadrar um nicho social que não se subordina a essa dita cultura corrente... É pedir para embrulhar em papel um litro de ar, é como pedir ao garçom dois metros de pinga... Nestas circunstâncias existenciais não é pela nossa tela que se projeta a imagem nítida, o exercício requer uma troca de lentes... Algo — melhor dizendo... conceito etnográfico — que Malinowski nos anos vinte já vaticinava e hoje é mais que pacífico em antropologia.

Após *sublimar* suas ações em forma da idéia do salve... Estes são emitidos, ganham as ruas e *solidificam*-se em ações concretas. Um exemplo de salve do PCC seria

como nos informa o antropólogo Adalton Marques: “*manter a paz entre os ladrões e bater de frente com a polícia*”.

É caso de dizermos então, que é o ambiente que produz a cultura? Se pensarmos no ambiente tão somente, isto é, apenas em seu aspecto *georeferenciado*, dizendo-nos que pré-existe ao homem em suas definições atitudinais poderíamos dizer taxativamente que *não*, de sorte que, o que pré-existe, na enormidade dos casos, aos primeiros membros do PCC, especificamente, era um ambiente muito além do campo georeferenciado, onde a “sombra transcendente” (de interesses como os: Quem? Para quem? e Contra quem?) exigia uma correspondência dos corpos no mundo real, que o eterno *vir a ser* da cultura já sondava e se articulava numa dimensão (até então) insondável aos membros.

O que pré-definiu a cultura nascente não foi simplesmente o ambiente estagnado, com vetores, índices e fluxogramas apontando para uma tendência. O que provocou o nascimento dessa *cultura* foi justamente a *mundanização do(s) homem(s)*, isto é, um momento — ou melhor, a somatória destes... — pré-existente, onde a necessidade de uma maior sintonia com o mundo das coisas do cotidiano, com o mundo que simplesmente aparece para nós, era a novíssima condição básica de sobrevivência...

Poderíamos a essa altura dizer sem rodeios, que a cultura é um *vir a ser* constante onde o *ser-aí* (membro do coletivo humano) se torna e se faz continuamente, ao provocar e ser provocado por um determinado nível de consciência intencional geral que recebe junto ao *ser-para nós* (os coletivos humanos em grupo), através dos fenômenos perceptivos. Isto te lembra a fenomenologia de Merleau-Ponty? Qualquer semelhança é mera coincidência.

III – Currículo Cultural

Como o currículo aparece nessa mediação? Inicialmente é preciso nos situar. Uma descrição antropológica do policial militar de Mato Grosso, Aluno oficial de polícia, oriundo da Academia de Polícia Militar Costa Verde. Esse é o parâmetro inicial. O segundo parâmetro é menos taxativo e requer demonstrações: *existe um currículo cultural na APMCV, com implicações na formação do oficial de polícia.*

Mas que metodologia antropológica daria conta de uma empreita que visa descortinar o universo cultural embutido no currículo e na vida do *ser*-policial?

Sob um olhar fenomenológico desvelamos linhas atrás como a cultura aparece. Com o currículo — na APMCV — multiplamente tramado nas redes relacionais de poder seja no quartel de formação (instituição total), seja na prática profissional um “currículo-cultural” vem à tona.

Sob quais parâmetros de significado esse currículo aparece? Sob quais diretrizes éticas? Acordado ao plano diretivo-normativo que determinam as leis?

Pressupomos a tese de que as diversas formas de construção existencial e coletivo acerca do tema *cultura* prepondera quando falamos também em currículo, entendendo-o, é claro, muito além de uma ação prescritiva. Ação que encampa a própria vida humana em seu aspecto ontológico e político.

Poderemos, dessa forma, apreciar através de diferentes lentes como poderemos submeter metodologicamente um currículo cultural possível, entretanto, é preciso salientar que os óbices levantados paralelamente às construções, deixará evidente que uma leitura etnográfica (que buscará ler a cultura em sua trama subterrânea) neste caso específico bem se adéqua à compreensão de uma cultura que simplesmente aparece; engendrada numa hegemonia de grupo e, se estabelece à revelia de qualquer prática normativa que lhe pretenda sujeitar.

Como caracterizar um currículo que nasce sob o signo do *devir*... Essa é a proposta de uma tese que nasce no programa de Currículo na PUC/SP em 2011...

Bibliografia

BIONDI, K. . *Junto e misturado: uma etnografia do PCC*. 1. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

CRITELLI, D. M. *Analítica do Sentido - Uma Aproximação e Interpretação do Real de orientação Fenomenológica*. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

GEERTZ, Clifford: *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

LÉVI-STRAUSS, Claude - *Antropologia Estrutural*, Tempo Brasileiro, 1970.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

_____. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1971

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Ed. Vozes, I e II Vol.1988,1989.

NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. Lisboa: Guimarães Editores, 1976.